



O PROFESSOR DE FILOSOFIA E A ESCRITA FORMATIVA: UMA EXPERIÊNCIA COM DIÁRIOS REFLEXIVOS NO PIBID¹

Cristina Amaro Viana ²

RESUMO

O presente relato de experiência versa sobre uma pesquisa teórica e prática que está sendo realizada no âmbito do PIBID / UFAL em Filosofia no ciclo 2024-2026. Nesta pesquisa, os vinte e quatro estudantes-bolsistas escrevem diários reflexivos mensalmente, em que relatam suas apreciações das práticas pedagógicas que são presenciadas e vivenciadas na realidade das respectivas escolas-campo nas quais eles atuam. Esses diários têm um tom intimista, subjetivo, reflexivo e profundo. No presente relato de experiência, serão apresentados os primeiros resultados desta pesquisa, referentes aos oito primeiros meses de duração do projeto, o qual tem duração prevista total de dois anos. Descreveremos os principais dados levantados até agora, e em seguida apresentaremos uma discussão à luz de algumas reflexões teóricas sobre a formação de professores de Filosofia, bem como sobre a relação entre escrita formativa e Filosofia. Serão igualmente documentadas as primeiras indagações, que deverão nortear a continuidade desta pesquisa nos meses vindouros. A hipótese norteadora desta pesquisa teórico-prática é de que o uso da escrita reflexiva durante a formação docente pode ser um poderoso recurso para o aperfeiçoamento constante da prática do futuro professor de Filosofia. O referencial teórico utilizado inclui filósofos que refletiram sobre a prática da escrita em Filosofia, mas também alguns teóricos da educação contemporâneos, dentre os quais destacamos Paul Ricoeur, John Dewey, Philippe Perrenoud e Anísio Teixeira. O principal resultado alcançado até agora é a confirmação da hipótese de que a escrita reflexiva constitui uma ferramenta muito fértil para o processo incessante da busca de metodologias apropriadas para se ensinar filosofia em meio às diversas realidades que o futuro professor poderá encontrar.

Palavras-chave: Diário reflexivo, PIBID, Filosofia, Escrita, Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Ninguém objetaria que um professor, para se formar, precisa ler muito. A mesma unanimidade não se verifica, contudo, em relação à escrita. Muito frequentemente, a prática do professor costuma ser associada – intuitivamente ou não – às habilidades discursivas orais. Os processos seletivos para professor o demonstram, na medida em que as provas didáticas, na maior parte das vezes, visam aferir habilidades orais, tais como adequação da linguagem à série objeto do certame, clareza na comunicação, utilização de recursos didáticos e postura na condução da aula. Normalmente, o plano de aula é pontuado em tais avaliações, porém sua

¹ Esta pesquisa está sendo realizada com auxílio de bolsa da CAPES. PIBID/UFAL – Ciclo 2024-2026. Processo SCBA/CAPES: 88887.024936/2024-00.

² Doutora em Filosofia pela UNICAMP. Professora no Mestrado e na Licenciatura em Filosofia na UFAL. Coordenadora do PIBID / UFAL / NID: Filosofia (Ciclo 2024-2026). cristina.viana@ichca.ufal.br





escrita, fortemente pautada na organização dos conteudos, objetivos, métodos e referências bibliográficas não atenderia ao sentido de *escrita formativa* com o qual estamos comprometidos no contexto do presente artigo.

No que diz respeito especificamente aos cursos de formação de professores de Filosofia, é verdade que a escrita é uma prática recorrente e amplamente difundida. Desde os primeiros semestres de curso, os futuros professores de Filosofia devem aprender Lógica, estudando o silogismo, as teorias de composição e validação de argumentos (que vão desde análise de discursos, passando pelas tabelas-verdade e, em muitos casos, incluem também o cálculo proposicional). Então, seria bastante injusto e mesmo leviano levantar objeções quanto à forte presença de uma formação para a escrita nos cursos de licenciatura em Filosofia. Licenciados em Filosofia aprendem a escrever, e escrevem muito. Alguns cursos inclusive exigem a escrita e defesa de um TCC (trabalho de conclusão de curso) como requisito obrigatório para colação de grau.

O que nos interessa aqui, no entanto, é indagar sobre qual tipo de escrita os futuros professores de Filosofia praticam efetivamente durante os anos da formação inicial (graduação). Fichamentos, textos analíticos, resenhas, resumos, comentários, artigos, ensaios, cartas, diálogos, aforismos e até textos-homenagem estão no amplo e diversificado rol dos textos que esses alunos são treinados a redigir. Certamente, são modalidades de texto escrito fundamentais para uma consistente formação dos filósofos, pois o rigor imposto pela escrita não apenas exercita o pensamento abstrato, como também contribui para elucidar as falhas argumentativas eventualmente presentes nos raciocínios construídos – falhas que, muitas vezes, podem passar despercebidas num discurso oral, como é o caso das falácias.

Mas a questão que sobressai é se tais modalidades de texto – todas muito pertinentes e indispensáveis – seriam suficientes para a formação, não apenas do filósofo, mas do *professor de filosofia*. Responder a esta questão implica ter de encarar outra, ainda mais espinhosa: para ser um professor de filosofia, basta ser um filósofo? E, igualmente, a inversa: todo professor de filosofia é também necessariamente filósofo?

Enveredar por essas discussões neste momento poderia nos desviar enormemente do nosso objetivo, que é argumentar, com base numa experiência no âmbito do PIBID que se encontra em andamento, em defesa da importância da escrita reflexiva para a formação do professor de Filosofia. Assim, exploraremos alguns dos pressupostos fundamentais que



embasam a defesa da escrita reflexiva enquanto estratégia formadora docente, e particular na área de Filosofia.

Na experiência que iremos relatar, o recurso da escrita reflexiva, denominado por nós de *diário reflexivo*, foi (e está sendo) utilizado como auxiliar do processo formativo de professores de Filosofia, no âmbito do PIBID/UFAL – 2024-2026. Acreditamos que, ao final do percurso, estaremos em melhores condições de oferecer uma resposta afirmativa às questões fulcrais colocadas mais acima, acerca da aparente tensão entre ser filósofo e ser professor de filosofia. Defenderemos que a escrita reflexiva é um recurso poderosíssimo para a formação integral do professor de Filosofia *enquanto* filósofo. Dessa forma, as antigas e intermináveis querelas entre o bacharel e o licenciado receberiam uma nova e revigorante luz, na medida em que filósofo e professor de filosofia poderão ser compreendidos como um único ser integral que, por meio da escrita reflexiva sobre suas práticas, se aperfeiçoa constantemente no filosofar e no ensino da filosofia.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada está em andamento, e envolve elementos teóricos e práticos. Trata-se de uma estratégia de auto-avaliação que foi implementada no âmbito do Subprojeto de Filosofia, no PIBID da Universidade Federal de Alagoas, durante o ciclo 2024-2026. Teve incício no mês de novembro de 2024 e se estenderá até o mês de outubro de 2026.

Inicialmente, os 24 (vinte e quatro) estudantes-bolsistas que compõem o núcleo foram instruídos a redigir mensalmente um relato das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto PIBID, tanto na escola-parceira, como na Universidade, o qual denominamos *diário reflexivo*. Desde o início, enfatizou-se que este relato mensal não deveria ser do tipo descritivo, mas sim um relato de experiências, onde o estudante-bolsista pudesse expor suas reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem de um ponto de vista subjetivo. O texto a seguir foi entregue aos estudantes junto com a proposta inicial:

Redigir um texto dissertativo, que seja um relato das atividades desenvolvidas no mês em questão. Descrever as atividades realizadas preferencialmente na ordem cronológica, especificando a data e o contexto em que foram desenvolvidas.



X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

Além de descrever a atividade, espera-se um relato que constitua uma avaliação crítica da experiência. Espera-se, ainda, que o texto seja ocasião de uma autoavaliação, no sentido de tecer uma reflexão sobre os aprendizados adquiridos com a experiência, bem como sobre horizontes eventualmente abertos por ela. (Fonte: Material de pesquisa elaborado no âmbito do PIBID / Filosofia / UFAL, 2024-2026).

Assim, mensalmente os estudantes-bolsistas têm entregado seus diários reflexivos a esta coordenação, sendo facultativo a eles enviarem com cópia também para os respectivos supervisores, que são os professores nas escolas-parceiras. Os diários reflexivos devem ser enviados sempre até o 5º dia do mês subsequente ao mês relatado, havendo tolerância até o 10º dia mediante justificativa plausível.

Até o momento em que o presente relato de experiência foi escrito, já contamos com 08 (oito) diários de cada estudante, totalizando 192 (cento e noventa e duas) produções textuais de diários reflexivos em todo o núcleo. Esse material é lido e analisado pela coordenação do projeto todo começo de mês, e é dada uma devolutiva aos estudantes-bolsistas alguns dias depois.

A devolutiva é enviada individualmente por e-mail para cada estudante-bolsista. Caso este estudante tenha partilhado seu diário com o/a respectivo/a supervisor/a, a devolutiva segue para ele/ela com cópia. Em alguns casos, o/a supervisor/a também redige uma devolutiva e partilha com esta coordenação. Esta tarefa por parte dos supervisores também foi colocada como facultativa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presente pesquisa se baseia em pelo menos três pressupostos teóricos principais. O primeiro diz respeito à relação entre a escrita reflexiva e a filosofia; quanto a isto, defendemos a posição de que, muito embora seja urgente incorporar tradições filosóficas orais e imagéticas ao cânone filosófico, não se pode preterir o papel formador que a escrita, com todas as suas vicissitudes e desafios, traz para a formalização do pensar em filosofia. O segundo pressuposto teórico diz respeito à relação entre formação do professor e formação pessoal; nessa linha, enveredamos por um ponto de vista ontológico segundo o qual o *ser professor* não se constrói como um acréscimo a uma identidade pessoal já formada, mas sim que a formação profissional



e pessoal se daria em um certo processo dialético. Por fim, o terceiro pressuposto da pesquisa que apresentamos se refere à relação entre a escrita e a prática docente; nesta seara, procuramos fundamentar a ideia de que a escrita reflexiva pode auxiliar enormemente o professor a desenvolver a habilidade de aperfeiçoar constantemente sua prática, por meio da descoberta (ou invenção) de metodologias apropriadas a cada situação de ensino-aprendizagem que a vida lhe trouxer.

A escrita, conforme já aludimos mais acima, é uma marca forte dos cursos de formação universitária em Filosofia. Mesmo que pairem dúvidas quanto a saber se o graduado em Filosofia será (ou não) um filósofo, não se pode questionar uma coisa: graduado em filosofia é bom leitor e bom escritor. Ou, pelo menos, recebe em sua formação todos os elementos necessários para desenvolver tais habilidades de modo bastante aprimorado.

A escrita, contudo, não deixa de ter suas ameaças para o pensamento filosófico. Se pensarmos nas exigências de publicação escrita, que muitos pesquisadores acabaram vindo a chamar – informalmente, claro – de “tirania do *lattes*” (ROHDEN, 2008, p. 217), podemos nos questionar se realmente temos nutrido relações saudáveis com a escrita, no que se refere à profissionalização do filósofo.

Essa discussão, porém, não começou agora. Platão, no seu célebre diálogo *Fedro*, também já nos advertia sobre os riscos potenciais da escrita. É por meio de uma lenda que Platão docemente nos conduz a esta reflexão. Segundo a lenda, o deus egípcio *Thoth*, ao criar a escrita e desejar entregá-las aos seres humanos, argumenta com o então faraó do Egito, *Tamuz*, dizendo que a sua criação terá muita utilidade, pois “tornará os egípcios mais sábios e os ajudará a fortalecer a memória” (PLATÃO, 2000, p. 121). Ao que o faraó retorque bastante desconfiado:

Oh, Thoth, mestre incomparável [...] Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas ela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais, e não dos assuntos em si mesmos. (PLATÃO, 2000, p. 121).

Apesar de toda admiração pelo filósofo antigo, e cientes dos riscos inerentes à utilização dos sinais gráficos como meio privilegiado para expressão de nossa ciência e nosso pensamento,

eu ousarei acreditar no potencial formador e transformador da escrita em especial na Filosofia. A escrita não apenas conserva o pensamento – e ninguém discutirá o valor das bibliotecas de todos os tempos! – como também contribui para formar o pensamento, e quem sabe nos conduzir para além dele, permitindo abrir brechas de transformação no mundo real.

É com Rohden que destacamos essa afinidade muito peculiar que a escrita possui com o potencial humano para *criar mundo*:

Guimarães Rosa confessou que os contos vinham a ele e o tomavam, e por isso precisava escrevê-los. De minha parte, muitas vezes, preciso escrever para me libertar, para me livrar de algo que me toma, persegue, envolve. Na verdade, escrevemos para elaborarmos certas questões, problemas, reflexões, intuições que são desveladas e esclarecidas – mais plenamente – no próprio processo de escrevê-las. Como podemos perceber, escrever filosoficamente é muito mais que realizar transcrições ou cópias (sempre imperfeitas) de ou sobre algo, mas constitui um processo de criação. (ROHDEN, 2008, p. 221)

É, pois, este viés criativo da escrita que nos interessa articular com a Filosofia, nesta pesquisa que ora apresentamos. Ora, não é difícil concordar que nem toda escrita será criativa. Anotações na nossa agenda, listas de supermercado, ou ainda escritos acadêmicos motivados unicamente pela pressão acadêmica de pontuar o currículo lattes: todas essas formas e funções da escrita podem revelar sua face meramente *reprodutiva*, e não *produtiva*. Sem pretender adentrar na intrincada querela entre fazer filosofia e fazer história da filosofia, gostaríamos de demarcar que, a nosso ver, o viés criativo da escrita só pode ser despertado mediante a *reflexão*.

O que seria, então, uma escrita reflexiva? Diz-se da filosofia que ela é, por natureza, reflexiva, no sentido de que nos leva a pensar para além do habitual, do naturalizado, indagando por formas alternativas de se interpretar, de se viver e de se transformar o mundo. A escrita reflexiva poderia ser entendida, nessa primeira aproximação, como uma escrita que se constrói com base numa “reflexão acerca da situação, dos objetivos, dos meios, do lugar, das operações envolvidas, dos resultados provisórios, da evolução previsível do sistema de ação” (PERRENOUD, 2002, p. 30).

Mas a reflexão pode ainda revelar uma camada um pouco mais profunda, em que o objeto do pensamento detido, minucioso não é apenas o mundo circundante, mas *a situação de um sujeito inserido nesse mundo*. Aqui, a reflexão se volta sobre si. O próprio Perrenoud, mesmo no contexto de uma meditação sobre a prática docente, abre o caminho para essa



abordagem que considera a subjetividade como o objeto – por assim dizer – central da prática reflexiva:

Refletir sobre a ação já é algo bem diferente. Nesse caso, tomamos nossa própria ação como objeto de reflexão, seja para compará-la com um modelo prescritivo, o que poderíamos ou deveríamos ter feito [...], seja para explicá-la ou criticá-la. Toda ação é única, mas, em geral, ela pertence a uma família de ações do mesmo tipo, provocadas por situações semelhantes. Depois da realização da ação singular, a reflexão sobre ela só tem sentido para compreender, aprender e integrar o que aconteceu. Portanto, *a reflexão não se limita a uma evocação*, mas passa por uma crítica, por uma análise, por uma relação com regras, teorias ou outras ações, *imaginadas ou realizadas* em uma situação análoga. (PERRENOUD, 2002, p. 31, grifos nossos).

Quando a reflexão inclui o elemento da imaginação – que sublinhamos na passagem acima de Perrenoud – a escrita poderá ser criativa, no sentido proposto por Rohden. Para melhor esmiuçar a relação entre imaginação e criatividade na escrita, epnsamos que será útil explorar um pouco mais de perto o aspecto subjetivo envolvido na escrita reflexiva.

A história da filosofia exibe, em praticamente todos os seus períodos, incursões diversas no chamado *problema da identidade pessoal*. Para dizer de modo resumido, e recorrendo a uma formulação que utilizei em outro momento, podemos dizer que o problema da identidade pessoal consise na dificuldade em se fornecer uma explicação satisfatória para certa crença, profundamente arraigada no imaginário social, a saber:

Estamos falando da crença na unidade e permanência das pessoas ao longo do tempo. Por mais que as pessoas mudem (e ninguém deixaria de concordar com esse fato), nós continuamos a considerá-las como as mesmas, de modo que lhes cobramos o cumprimento de suas promessas, lhes atribuímos responsabilidade pelos seus atos (sejam considerados moralmente bons ou maus), manemos com elas nossos vínculos afetivos. (VIANA, 2011, p. 9)

Não pretendemos enveredar por esta discussão teórica, que estaria situada mais propriamente no campo da Ontologia e da Filosofia da Mente. No entanto, uma vez que a escrita reflexiva será entendida no sentido de reflexão sobre si, é importante dar ao menos uma palavra sobre como poderemos compreender esse “si”, afinal de contas. Quem é esse sujeito que, ao refletir sobre sua própria ação e situação no mundo, pode desenvolver uma escrita criativa?

Durante a Idade Moderna, vários filósofos propuseram enxergar o problema da identidade pessoal como a busca de um critério que justifique a alegação da identidade de uma pessoa ao longo do tempo (VIANA, 2011, p. 26-40). Todavia, mais promissor nos parece o ponto de vista contemporâneo – que tem em Paul Ricoeur um de seus destacados expoentes –





segundo o qual a identidade deve ser concebida de modo dinâmico, como uma instância em permanente construção e reconstrução. É assim que Ricoeur chamou a atenção para o fato de que, ao lado da *mesmidade*, devemos lançar um olhar atento também para a dimensão da *ipseidade*: “Nossa tese contante será a de que a identidade no sentido de *ipse* não implica nenhuma asserção referente ao pretenso núcleo não mutável da personalidade.” (RICOEUR, 2014, p. XIII, grifo do autor). A proposta de Ricoeur nos convida a considerar a questão da identidade pessoal não à luz da verificação criteriosa, mas da *atestação* (RICOEUR, 2014, p. 132); dessa forma, não se trata mais de justificar a validade da crença que tenho na minha permanência ao longo do tempo, mas sim de atestar minha identidade, o que pode ser feito através de atos que reconheçam a minha unidade enquanto a *mesma* pessoa. É assim que a noção de *manutenção de si* adquirirá forte relevância nesse cenário contemporâneo:

A manutenção de si, para a pessoa, é a menira de comportar de tal modo que outrem pode *contar* com ela. Visto que alguém conta comigo, eu *presto contas* de minhas ações perante outrem. O termo responsabilidade reúne as duas significações: contar com..., prestar contas de... Ela os reúne, acrescentando a ideia de *resposta* à pergunta: “Onde estás?”, feita pelo outro que me procura. Essa resposta é: “Eis-me” [...]. (RICOEUR, 2014, p. 177, grifos do autor).

Esse caminho nos conduz a uma concepção mais dinâmica de identidade pessoal, que permite incorporar as mudanças pelas quais todo ser humano fatalmente passa ao longo de sua vida (transformações corporais, psicológicas, cognitivas, ideológicas, etc.). A manutenção da pessoa terá, nessa perspectiva, um caráter mais ético que ontológico. Mas como essa identidade dinâmica se articula com a reflexão? E com a escrita reflexiva, de maneira mais específica? Vejamos. Primeiramente, em relação à reflexão, podemos notar que ela permite que o *si* vá ensaiando *modos de ser* possíveis para si mesmo. Como o seu *eu* não está determinado de antemão e tampouco fechado num critério único de identidade, assume-se uma abertura na qual o *si* vai se constituindo reflexivamente. Ao escolher seus caminhos de vida, é como se ele estivesse escolhendo a si mesmo, no fim das contas. Podemos encontrar ainda no bojo das reflexões de Ricoeur um bom exemplo desse processo, o qual nos interessa de modo bastante particular por se referir à constituição do *si mesmo* na sua profissão:

[...] chamaremos de *planos de vida* essas amplas unidades práticas que designamos vida profissional, vida familiar, vida de lazer etc.; esses planos de vida ganham forma



– forma móvel e revogável, aliás – graças a um movimento de vaivém entre os ideais mais ou menos longínquos, que agora é preciso especificar, e a ponderação das vantagens e desvantagens da escolha de tal plano de vida no nível das práticas. (RICOEUR, 2014, p. 167).

Ricoeur ilustra a constituição dinâmica da identidade pessoal fazendo alusão à constituição de um plano de vida, que pode se manifestar na maneira como uma pessoa *vem a se tornar* um profissional: existe um movimento dialético – que ele muito ilustrativamente chama de “vaivém” – entre o ideal e o real, e nesse percurso de idas e vindas, a identidade do si vai se construindo. E é aqui que a escrita reflexiva vem mostrar toda sua força: ela tem o potencial de contribuir justamente nessas hesitações em que o si, transitando do ideal para o real, vai se perfazendo. É a uma outra obra de Ricoeur, mais antiga, que recorremos para ilustrar esta parte crucial de nossa argumentação:

[...] a interpretação de um texto completa-se na interpretação de si dum sujeito que doravante se comprehende melhor, se comprehende de outro modo, ou que começa mesmo a comprehender-se. Este acabamento da inteligência do texto numa inteligência de si caracteriza a espécie de filosofia reflexiva a que eu, em diversas ocasiões, chamei reflexão concreta. Hermenêutica e filosofia reflexiva são, aqui, correlativas e recíprocas. Por um lado, a compreensão de si passa pelo percurso da compreensão dos signos de cultura, nos quais o si se documenta e se forma; por outro, a compreensão do texto não é seu próprio fim, ela mediatiza a relação consigo de um sujeito que não encontra, no curto circuito da reflexão imediata, o sentido da sua própria vida. É por isso que é preciso dizer, com uma força igual, que a reflexão não é nada sem a mediação dos signos e das obras [...]. (RICOEUR, 1986, p. 155-156).

Feita esta breve incursão pelo espinhoso problema filosófico da identidade pessoal, chegamos agora ao cerne do artigo, que é justamente a tese de que a escrita dos diários reflexivos possibilitaria uma contribuição ímpar para a formação do professor de Filosofia.

Chega o momento em que é preciso explicitar um pressuposto importante do presente relato, que diz respeito à relação entre conteúdo de ensino e método de ensino. Se quisermos ser mais específicos, podemos falar da relação entre Filosofia e ensino de Filosofia. Este tema é muito debatido na área, de modo que é importante precisar que nosso pressuposto é de jamais partir da separação entre conteúdo e método. A escrita reflexiva como instrumento formativo do professor só pode fazer sentido quando se acredita que o ensinar requer uma disposição permanente para se adquirir novas habilidades. Este pressuposto encontra ressonância e apoio nas ainda muito atuais constatações de John Dewey:



Não há, porém, nenhuma separação entre método e matéria. Método é o modo pelo qual a experiência se processa, e, assim, não se distingue da experiência, como também o seu objeto – a matéria – dela não se distingue. Essa perfeita unidade do processo da experiência deve estar sempre presente à inteligência do educador, para que se evite o erro de pensar que a distinção puramente intelectual entre método e matéria tem qualquer apoio na realidade objetiva de cada experiência. (WESTBROOK, 2010, p. 56)

Assim, não se aprende os conteúdos da área para em seguida se aprender um método de ensino que será válido para qualquer conteúdo. Defender isto seria equivalente a ratificar a separação entre “disciplinas específicas” e “disciplinas pedagógicas” no currículo dos cursos de formação docente. É verdade que, na prática, muitos currículos se constróem dessa maneira, talvez por praticidade de organização formal-acadêmica – ou outro motivo de ordem mais político-ideológica que não nos cabe indagar aqui. No entanto, o que defendo é que não se caia no equívoco de acreditar demais na gramática – para usar uma terminologia nietzschiana (NIETZSCHE, 2012). Ou seja: o fato de, no currículo, as disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas se encontrarem separadas não significa que, no processo de formação do futuro professor, esses dois momentos *realmente* ocorram separadamente.

Na verdade, o que se verifica na prática docente com muito mais frequência é que cada conteúdo a ser ensinado exigirá uma apropriação diferente do método. E, além disso, cada turma para a qual se está ensinando exigirá do futuro professor o desenvolvimento de recursos metodológicos e pedagógicos especiais. E aqui entra a importância da escrita reflexiva: ela pode iluminar a experiência docente desde seus primeiros momentos formativos – e aqui estamos pensando no PIBID, que é contexto da nossa experiência, mas igualmente poderia ser aplicado à situação dos estágios supervisionados.

A experiência de formação docente, quando iluminada pela reflexão e destrinchada pela escrita reflexiva, sofre uma transformação espetacular. É com base nas reflexões de Anísio Teixeira que gostaríamos de nos aproximar desta discussão:

[...] a experiência não é, em si mesma, cognitiva, mas [...] pode ganhar esse atributo, que será tão real e orgânico, quanto qualquer dos outros que já possua. Hart classifica nossas experiências em [...] tipos fundamentais. I. O primeiro tipo é o das experiências que nós apenas *temos*. Não só não chegamos a *conhecer* seu objeto, como, às vezes, nem sequer *sabemos* que as *temos*. [...]. II. O segundo tipo se constitui das experiências que, sendo *refletidas*, chegam ao *conhecimento*, à *apresentação consciente*. Por elas, a natureza ascende a um novo nível, que leva ao aparecimento da inteligência: ganha processos de análise, indagação de sua própria realidade, escolhe meios, seleciona fatores, refaz-se a si mesma. (TEIXEIRA, 2010, p. 35).



Interessante observar que, tal como Ricoeur, Teixeira também sugere o termo “inteligência” para tratar do processo de construção reflexiva. É verdade que a especificidade escrita não consta explicitamente na passagem de Teixeira, mas talvez não seja equivocado inferir sua eficácia e pertinência se mantivermos em mente todo o potencial da escrita para as tarefas de análise, indagação da própria realidade e processos de escolha de que fala Teixeira. Uam *inteligência própria da escrita reflexiva*: este é, pois, o cerne da nossa hipótese de pesquisa, bem como da argumentação que embasa toda essa empreitada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que apresentamos são parciais, tendo em vista que a pesquisa está em andamento. Um dos primeiros elementos para o qual gostaríamos de chamar a atenção é que houve, inicialmente, certa dificuldade por parte dos discentes em construir a escrita reflexiva da forma como foi instruída. Mais da metade dos estudantes-bolsistas redigiu seu primeiro diário reflexivo na forma de relato meramente descritivo das atividades, sem discutir suas reflexões sobre as práticas e tampouco sobre como elas teriam afetado sua concepção acerca da tarefa de ensinar Filosofia numa escola do Ensino Médio. Foi necessário, nas devolutivas, reiterar incessantemente a proposta da escrita reflexiva, de modo que após trasncorridos oito meses do projeto, apenas uma quantidade mínima de estudantes (três ou quatro) ainda não conseguiu produzir um diário reflexivo minimamente dentro da proposta.

Um outro elemento que chama atenção é que alguns estudantes atenderam à proposta de forma diferente do solicitado, pois em vez de trazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas em si, utilizaram o recurso mais frequentemente para desabafar sobre suas incertezas, angústias e questões pessoais, familiares, de saúde, etc. sem, contudo, buscar traçar conexões fortes com os processos de formação docente vivenciados nas escolas e no PIBID como um todo. Tais escritas têm sido acolhidas por esta coordenação, uma vez que consideramos o pressuposto de que a identidade da pessoa se forma com a de professor conjuntamente. Nas devolutivas, continuou-se enfatizando a importância de que os estudantes busquem associar tais estados mentais ao processo formativo profissional especificamente. Um ponto a ser melhor investigado é se esse elemento mais intimista poderá, algum dia, ser totalmente suprimido dos diários reflexivos, já que o professor que vai dar aula é um ser





humano, e pode ser afetado em sentido pessoal. Ensinar – nos parece – é sempre pessoal.

Por fim, um terceiro elemento nos parece igualmente digno de ser relatado como resultado parcial importante. Ao longo dos oito meses de duração da pesquisa, notou-se um aumento do número de bolsistas que quis espontaneamente partilhar seus diários reflexivos com os respectivos supervisores. Na nossa avaliação preliminar, isso pode revelar, além da confiança na parceria com os professores que vai naturalmente crescendo conforme o projeto vai avançando, talvez uma segurança maior na própria escrita reflexiva. É possível que este dado revele que o diário reflexivo está cumprindo sua função formativa, pois quando escrevemos focados nas nossas dúvidas, incertezas, ajustes, enfim, com base no inacabamento da nossa identidade pessoal e profissional, parece que a busca por respostas e soluções de fortalece, o que explicaria o aumento na demanda por um/a leitor/a mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conclusões que aqui apresentamos são parciais, uma vez que o projeto está em andamento. Verificamos, primeiramente, que os caminhos abertos pela escrita reflexiva, incluindo a possibilidade de se escrever sobre angústias, erros, frustrações e desânimos no que se refere à prática do ensino de Filosofia, têm se mostrado fortemente produtivos. Não se encontra – pelo menos não de forma evidente – nas demais modalidades de texto acadêmico um espaço para um tipo de relato que facilite o encontro, na mesma identidade pessoal, dos elementos subjetivos e formativos da docência. Nos artigos, por exemplo, sempre se mostram os resultados atingidos, os méritos, não havendo espaços para incertezas e finalizações sem solução. O diário reflexivo é um tipo de texto altamente fértil justamente por não exigir uma conclusão. Ele pode muito bem finalizar com reticências, ou com perguntas sem resposta – o que não quer dizer que tais perguntas não poderão redirecionar a busca futura de novos caminhos para esse futuro professor. O diário reflexivo é um texto que não tem pressa.

Um outro traço peculiar do diário reflexivo, quando comparado ao texto comentário ou mesmo ao ensaio, é que estes últimos, mesmo quando não conseguem responder um problema teórico, normalmente o formulam de uma maneira melhor, deixando para um momento posterior a retomada da busca de uma resposta, seja pelo próprio autor, seja por um outro pesquisador interessado em reabrir o debate. Já no diário reflexivo, existe uma permissividade



maior em relação ao fracasso em se formular o problema. Muitas vezes, justamente, é a falta de compreensão – pelo menos naquele momento da ação – que move a escrita reflexiva. Nessas horas, o diário reflexivo se converte em pedido de socorro emitido pela necessidade de compreensão dos processos formativos.

No que diz respeito à querela entre bacharéis e licenciados, acreditamos que o diário reflexivo oferece um caminho bastante promissor, enquanto recurso poderosíssimo para a formação integral do filósofo que é também professor de Filosofia. Dessa forma, sendo o filósofo e o professor de Filosofia uma única pessoa que se constrói num incessante “vaivém” entre o ideal e o real, é possível encontrar na escrita reflexiva sobre suas práticas de ensino uma ferramenta para buscar sempre o melhor ajuste possível entre os conteúdos a serem trabalhados e as metodologias específicas para cada situação em que o futuro professor estiver inserido.

Por fim, mas não menos importante, acreditamos que a escrita reflexiva tem o papel de contribuir também para mitigar a arraigada querela entre filosofia e história da filosofia. Assim, entende-se que a filosofia tem um método, um rigor e um corpo de saberes que não podem ser preteridos, sob pena de perder completamente sua especificidade e dessa forma relegar-se a um mero bate-papo animado. Ao mesmo tempo, comprehende-se que esse aprendizado específico, estruturado e em crescente formação, se não for conjugado com uma habilidade de “leitura do mundo” (para usar uma expressão que era tão cara a Paulo Freire), corre o risco igualmente sério de se fechar numa conversa de especialistas em que a porta muito estreita não permitiria a entrada de amadores nem de curiosos, e muito menos dos adolescentes do Ensino Médio que entram em contato com a disciplina em seus currículos pela primeira vez. Por meio da escrita intimista, reflexiva, sincera e atravessada de vulnerabilidades, parece que finalmente poderemos dar mais um passo rumo a tão sonhada “história da filosofia filosofante”, como aliás também desejou Ricoeur (RICOEUR, 1968).

AGRADECIMENTOS

Este relato de experiência é dedicado aos 24 estudantes-bolsistas do PIBID/UFAL do Subprojeto Filosofia, ciclo 2024-2026, que gentilmente têm partilhado comigo suas mais profundas, impactantes, belas e potentes escritas reflexivas sobre o processo de ensinar e aprender Filosofia no Ensino Médio.





REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor:** Profissionalização e razão pedagógica. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PLATÃO. **Fedro ou Da Beleza.** Trad. e Notas de Pinharanda Gomes. 6. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

RICOEUR, Paul. A história da filosofia e a unidade do verdadeiro. In: RICOEUR, Paul. **História e verdade.** Trad. F. A. Ribeiro. Rio: Forense, 1968).

RICOEUR, Paul. O que é um texto? In: **Do texto à acção:** Ensaios de Hermenêutica II. Porto: Rés, 1986, p. 155.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROHDEN, Luiz. Sobre a arte de escrever filosofia filosoficamente! In: KUIAVA, E. A.; SANGALLI, I. J.; CARBONARA, V. **Filosofia, formação docente e cidadania.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2008, p. 215-234.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey (Esboço da teoria de educação de John Dewey). In: WESTBROOK, Robert [et al] (Orgs.). **John Dewey.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores), p. 33-53.

VIANA, Cristina A. **O enigma filosófico da identidade pessoal.** Maceió: Edufal, 2011.

WESTBROOK, Robert [et al] (Orgs.). **John Dewey.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

